

**Terra Prometida ou Solo Hostil: Percepções sobre Fertilidade e Produtividade na Colônia de Teresópolis (SC), 1860-1869.**

*Promised Land or Hostile Soil: Perceptions on Fertility and Productivity in the Colony of Teresópolis (SC), 1860-1869.*

Angelo Cubas Castro<sup>1</sup>

**Resumo:** Em 1860, o governo fundou a colônia de Teresópolis, no vale do Rio Cubatão em Santa Catarina. Em alguns momentos, a colônia é descrita como uma terra fértil e próspera, porém em tantos outros, é descrita como terras improdutivas e montanhosas. O presente artigo tem por objetivo tentar entender qual o significado de produtividade para os colonos de Teresópolis, que gerou tanta discrepância nos diferentes discursos. Para isso, cruzou-se dados de petições dos colonos, cartas do diretor da colônia, relatórios do presidente da província, jornais e bibliografia que dizem respeito às questões agrárias da colônia de Teresópolis.

**Palavras-chave:** Teresópolis (SC); Fertilidade do Solo; Imigração.

**Abstract:** In 1860, the government founded the colony of Teresópolis, in the Cubatão River valley in Santa Catarina. At times, the colony is described as a fertile and prosperous land, but at many other times, it is described as unproductive and mountainous land. This article aims to understand what productivity meant to the settlers of Teresópolis, which generated so much discrepancy in the different discourses. To this end, a cross-referenced data was made from petitions by the settler, letters from the colony's director, reports from the provincial president, newspapers and bibliography that relate to agrarian issues in the Teresópolis colony.

**Key-words:** Teresópolis (SC); Soil Fertility; Immigration.

## **Introdução**

A antiga colônia Teresópolis de Santa Catarina, fica no vale em que o Rio Cedro deságua no Cubatão, e por seus afluentes. O que foi Teresópolis atualmente constitui parte dos municípios de Águas Mornas e São Bonifácio, localizada na subida da serra catarinense (Brasil, 1872). O governo criou por decreto a colônia em 1859, e em 1860 mandou agrimensores para procurar um terreno propício para sua implantação (O Argos, n. 542, 1860, p. 1). O lugar foi

---

<sup>1</sup> Graduando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: angelocubas@gmail.com.  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6232-2630>.

escolhido por ser no caminho de Lages, nas áreas consideradas devolutas ao redor da propriedade do Coronel Neves, latifundiário e político catarinense, e por ter terras férteis e não muito montanhosas para o cultivo de gêneros coloniais (Jochem, 2002, p. 43). Assim, nos primeiros anos, imigrantes e políticos exaltaram as boas qualidades do solo e a boa escolha do lugar (Colonos de Teresópolis, 5 dez. 1861; Brusque, 1861, p. 10). Contudo, ao mesmo tempo, outros colonos e administradores desqualificaram severamente as condições de solo, do terreno e da má escolha do local (Cunha, 1863, p. 24; Todeschini, 20 Jun. 1861). Em ambos, todos esses fatores afetam diretamente a produção, para bem ou para mal.

Esse estudo não pretende concluir se a qualidade do solo em Teresópolis era boa ou ruim, mas antes disso, discutir qual o significado de produtividade para os colonos de Teresópolis, e quais elementos poderiam ter influenciado a maneira como pensavam e agiam a respeito da qualidade do solo e produção agrícola naquele assentamento.

Também se faz necessário considerar que a fundação da colônia de Teresópolis deve ser compreendida dentro de um projeto político e econômico mais amplo. Trazer imigrantes brancos para ocupar zonas interioranas e consideradas vazias, era para o governo imperial uma forma de transformar o “atraso” da floresta brasileira em “progresso” econômico e cultural (Carola, 2010, p. 556). Nesse sentido, a escolha do local para Teresópolis refletia o interesse do Estado em ocupar terras tidas como vazias e férteis, ao mesmo tempo que fortalece as elites locais criando um clientelismo fundiário (que são os imigrantes), com base nos dispositivos legais permitidos pela Lei de Terras de 1850 (Darrossi, 2017, p. 5).

A historiografia tradicional da imigração em Santa Catarina reitera o discurso do “vazio demográfico” e do progresso econômico da colonização, que está presente nas fontes (Carola, 2010, p. 571). Esse estudo não pretende implicar nessas visões, apesar de ser importante entendê-las para perceber as ações do império e da província em relação às colônias. Sabe-se atualmente que os imigrantes europeus tiveram dificuldades para se adaptar ao novo clima e vegetação e fauna brasileira, que é diferente do lugar de onde vieram. Muito dessa adaptação provém das trocas culturais, que aprenderam com povos indígenas, afro-brasileiros, luso-brasileiros, entre outros (Brunetto, 2013; Schlappal, 20 jun. 1860). Como dizer então que havia um “vazio demográfico” nas terras ocupadas por esses imigrantes, ou que a cultura europeia traz o “progresso” econômico se a ocupação europeia foi construída por cima e com base nos saberes desses outros povos? Para contornar aquela antiga visão, é preciso (re)inventar as fontes, ou seja, fazer (novas) perguntas para os documentos, transformando-os em fontes históricas (Lara, 2008, p. 18).

As fontes utilizadas foram alguns relatórios dos presidentes da província para assembleia (dos anos de 1863 e 1868), pois neles aparecem mais explicitamente referências à produção agrícola de Teresópolis, qualidade das vias de comunicação da colônia com outras cidades, críticas e/ou elogios à produtividade desses assentamentos, estatísticas, entre outros. Os relatórios de província “indicam o fracasso ou o sucesso de empreendimento colonial” de um ponto de vista positivista, do governo do século XIX (Carola, 2010, p. 557). Esses relatórios estão digitalizados e disponíveis online, e estão salvaguardados na Biblioteca do Ministério da Fazenda no Rio de Janeiro (BMF/RJ) e digitalizados na Biblioteca Nacional. Esse tipo de fonte possibilita uma visão sumarizada e geral sobre as colônias, mas também, vista de cima. Para um perspectiva mais aproximada dos migrantes, que estavam vivenciando o cotidiano em Teresópolis, utilizamos ofícios escritos pelo Diretor da colônia, Theodor Todeschini (que agia como intermediário entre o Governo e os imigrantes), especialmente as que discorrem sobre a qualidade do solo, a insatisfação dos colonos, ou sobre a produção agrícola. Também usamos petições escritas e assinadas pelos imigrantes (demonstrando seus próprios interesses). Esses documentos estão salvaguardados na seção de coleções especiais da Biblioteca Universitária da UFSC, digitalizados e transcritos. Ressalto que as citações diretas foram mantidas conforme a grafia original.

Primeiro foi feita a seleção desses documentos, para então trazer a discussão bibliográfica a partir dos elementos presentes nas fontes. Selecionou-se documentos que discutiam questões agrícolas e produtividade. Dentre a bibliografia selecionada, destaca-se a dissertação de mestrado em história social de Toni Jochem (2002), sobre a formação de Teresópolis, sua emancipação, e a atuação da igreja católica nisso tudo. Jochem utiliza de vasta documentação primária para fazer evidenciar, no segundo capítulo de sua dissertação, a contradição entre as promessas de terras férteis, e o depoimento de terras ditas improdutivas. Dessa forma, esse estudo se aproxima e discute por outros pontos de vista aquela parte de sua dissertação.

### **Percepções sobre Fertilidade e Produtividade na Colônia**

Em 1860 o 2º tenente e engenheiro agrimensor Joaquim Corcoroca escolheu o lugar de fundação da colônia de Teresópolis, no alegado objetivo de encontrar um local não tão montanhoso com terras férteis. Recebeu a ajuda do coronel da região, Coronel Neves (*O Argos*, n. 542, 1860, p. 1), que estava interessado na implantação desses assentamentos nos arredores de suas terras (ALESC, 2022).

Em alguns momentos, especialmente nos primeiros anos da colônia, tanto administradores do estado, quanto imigrantes, afirmam que a qualidade do solo é fértil e a capacidade de produção da colônia Teresópolis tem grande potencial. Exemplo disso quando o Presidente da Província, Francisco Carlos de Araújo Brusque, diz em relatório para a câmara de legisladores, que apesar das copiosas chuvas que comprometeram em parte as plantações, a colônia de Teresópolis “ha de prosperar porque reúne em si os elementos naturaes do progresso, essenciaes á vida de todas as Colonias” (Brusque, 1861, p. 10). Demonstrando que o governo tem confiança na prosperidade da colônia.

Da mesma forma, o historiador Toni Vidal Jochem apresenta a confiança do Governo da Província na colônia de Teresópolis, que exaltava sempre sua fertilidade. “Muitos desses imigrantes ‘tem sido chamados por seus parentes e amigos’ já instalados em Teresópolis, por cartas para a eles se juntar-se e ‘gozar de uma vida mais tranquila, em um solo fértil e localidade saudável’” (Jochem, 2002, p. 46). Jochem também evidencia o jornal *O Argos*, de Desterro, que publicava gratuitamente notícias sobre melhoramentos da província. Em uma das notícias, o jornal compartilha uma carta ao presidente da província que exalta a escolha e as condições prósperas de Teresópolis:

teremos um aumento considerável nas produções coloniais, visto a excelente escolha que se fez das terras para a situação da colônia, escolha essa que S. Excia. muito se esmerou (Argos, n. 602, 1860, p.1 *apud* Jochem, 2002, p. 46).

Os dois trechos acima citados estão ligados diretamente com o governo da província de Santa Catarina, e tem bastante interesse em fazer propaganda (ou autopromoção) dos feitos e gestão da presidência e de seus esforços para o empreendimento colonial.

Mas, para além dos relatórios da presidência, os próprios imigrantes, que estão vivenciando aquela realidade, afirmam que o solo da colônia é rico e que Teresópolis tende a prosperar. Esta afirmação está situada num abaixo-assinado feito pelos homens protestantes, que desejam que o pastor vá para a colônia de Teresópolis, enquanto o governo quer enviar o pastor para a colônia vizinha, Santa Isabel. Dentre os muitos motivos listados para que o pastor venha para Teresópolis, o último deles é:

Tem a Colonia Therezopolis já um bom principio da freguesia, [...] podendo-se futurar em grande desenvolvimento a esta Colonia em razão de sua situação, a qualidade do Solo que constantemente ha de atrahir novos Colonos. (Colonos de Teresópolis, 5 dez. 1861).

Não se ignora o fato de que esses imigrantes poderiam estar utilizando a fertilidade do solo, e o crescimento esperado da colônia, apenas como argumento para alcançar seus objetivos, ou seja, conquistar um pastor protestante para Teresópolis.

Mesmo assim, apesar de todos os argumentos e documentos bem-dizendo a fertilidade do solo até agora apresentados, há um contraste bastante evidente com as muitas vezes em que os colonos, o diretor, os comissários do governo, visitantes e até o presidente da província criticam as propriedades do solo e da agricultura em Teresópolis.

Um exemplo muito claro e eloquente disso foi quando o presidente da província Pedro Leitão da Cunha escreveu um relatório sobre o que viu na colônia de Teresópolis quando foi até lá em 1863 para inspecionar as estradas. O relatório é destinado ao Vice presidente, a quem estava passando o cargo. Cunha escreve sobre Teresópolis:

Os terrenos que bordam os rios Cubatão e Cedro são pouco férteis, e mal retribuem o trabalho dos colonos, que se mostram por isso descontentes. É provável que mais tarde tenham eles de ser abandonados, e seus habitantes procurem melhor sorte nas margens dos rios S. Miguel e Capivary (Cunha, 1863, p. 23)

Eu porém, entendo, que não foi acertada a escolha daquela localidade para estabelecimento da colônia. Os fenômenos meteorológicos que ali se observam como a neve, a geada, que são as causas que obstam o cultivo d'aquelles generos (Cunha, 1863, p. 24).

Do que fica expellido conclue-se que o progresso da colônia Theresopolis é muito lento, e que no que respeita á produção a marcha é ainda mais difficil, tanto assim que para o consumo da colônia são os colonos obrigados a procurar fóra d'ella os generos de primeira necessidade, que já alli deverião abundar (Cunha, 1863, p. 24).

Teresópolis foi estabelecida justamente na confluência desses dois rios, Cubatão e Cedro. Observa-se que o terreno e a região que apenas 1 ou 2 anos antes era considerada fértil, riquíssima e de acertada escolha, em pouco tempo foi considerada pelo governo como uma escolha errada, que destina a colônia ao abandono por seu clima e improdutividade do solo. Mas mesmo nesse relatório, é possível ver pequenos sinais de contradição: “A população [...] tem augmentado consideravelmente, Este augmento provem não só da remessa de novos colonos, como tambem de ser o numero dos nascimentos muito superior ao dos obitos” (Cunha, 1863, p. 24), ou seja havia pelo menos recursos suficiente para que a população crescesse.

Em sua dissertação de mestrado, Jochem expõe claramente a divergência entre as promessas e a divulgação de uma colônia próspera, em contraste com a falta de recursos, dificuldades para transporte e uma aparente péssima qualidade do solo. Jochem consegue

mostrar esse balanço desde a fundação da colônia em 1860, até sua emancipação forçada em 1869 e as consequências nos anos seguintes (Jochem, 2002).

Não pretende-se concluir se a qualidade do solo em Teresópolis era boa ou ruim, mas antes disso, discutir o que significa o solo ser bom ou ruim para aquelas pessoas que ali viviam, dentro de suas cosmovisões e materialidade.

Mas antes, é necessário observar a produção de Teresópolis em números. Sabe-se que a produção em 1867 foi de: “21 mil alqueires de milho, 2,15 mil alqueires de feijão, 4 mil alqueires de batata inglesa, 3,5 mil alqueires de farinha de mandioca, e 400 arrobas de manteiga” (Lacerda, 1868, anexo D, p. 43). É evidente que, pelo menos neste momento, os cerca de 1600 habitantes dessa colônia não passavam fome. Ao contrário do que afirma o presidente da província Ignácio Galvão no mesmo ano de 1867 “houve ocasião em que chegaram quase a morrer de fome” (Galvão, 1867 *apud* Jochem, 2002, p. 53).

Teresópolis tinha uma produção média considerável se comparado com outros núcleos de imigração neste mesmo ano, como a colônia vizinha Santa Izabel, com cerca de 1200 habitantes e uma área cultivada semelhante, produziram 16,3 mil alqueires de milho (Lacerda, 1868, anexo D, p. 44). Ainda outras mais distantes (e portanto outro microclima, solo e altitude), como a de Itajahy-Brusque, que produzia 8,9 mil alqueires de milho, tendo uma população parecida e metade da área cultivada (Lacerda, 1868, anexo D, p. 41). Claro que o milho é apenas um dos gêneros cultivados, mas serve para demonstrar que a produção de Teresópolis não era baixa, quando comparado com outras colônias no mesmo período.

Tabela - Comparação das colônias de Teresópolis, Santa Izabel, e Itajahy-Brusque

Colônia	Habitantes	área cultivada (braças quadradas)	milho (alqueires)
Teresópolis	1631	4.013.700	21 mil
Santa Izabel	1213	4.373.600	16,3 mil
Itajahy-Brusque	1418	2.011.000	08,9 mil

Fonte: Elaborado pelo autor, com os dados de (Lacerda, 1868, anexo D, p. 41 - 44).

Se é possível atestar uma produção considerável de grãos, para não contar as aves, gados, batatas, feijão, manteiga, *etc* (Lacerda, 1868, anexo D, p. 43), então por que tanto administradores quanto imigrantes afirmam que a produção da colônia era minimizada devido a péssima qualidade dos solos?

É possível que devido ao alto número e valor das dívidas contraídas pelos imigrantes, eles gostariam de uma produção muito aumentada para pagar suas parcelas das dívidas e ainda lucrar. Isso porque os colonos estabelecidos em Teresópolis logo após 1860 vieram de fazendas

de café no Rio de Janeiro e lá trabalharam em sistemas de parceria, que constituía em muitos casos um sistema de endividamento cíclico (Jochem, 2002, 32 - 35). Além das dívidas para pagarem suas passagens desde a Europa e mesmo ao chegar em Santa Catarina, as famílias poderiam se endividar com o seu próprio transporte e de suas bagagens até a colônia (Todeschini, 17 mar. 1863; Todeschini, 11 jan. 1861; Ferreira, 2024, p. 106). A agência de imigração Steinmann precificava o terreno em Teresópolis em 3 reis por braça quadrada, considerando que cada família ocupava em média um terreno de 100 braças de frente e 500 de fundo, cada família estaria devendo, em tese, 150 mil réis (Jochem, 2002, p. 47; Cunha, 1863, p. 23). Somando a isso os subsídios que cada família receberia (300 reis diários por pessoa por um ano para maiores de 14 anos e 160 reis para menores) que depois de bem estabelecidos deveriam restituir ao governo (Todeschini, 24 jan. 1861).

Dessa forma, é perceptível que a quantidade de dívidas que essas pessoas acumulavam até conseguir fazer suas primeiras colheitas poderiam chegar a altos números, e portanto, para que a colheita fosse considerada “boa”, a produção precisaria ser acima do normal para as técnicas e possibilidades da época. Nesse assunto coloca o diretor Todeschini, em carta ao presidente da província:

Perdoe Vossa Excelência, que eu diga francamente, depois de um ano e mesmo depois de dois anos, essa gente ainda não estará em condições de começar a pagar as dívidas que contraiu com o governo imperial (Todeschini, 20 Jun. 1861, p. 2. tradução própria).

Nesse sistema, qualquer mínima perturbação no plantio já seria visto como negativo ou desastroso, como a geada, a neve ou a possível fertilidade do solo abaixo do esperado.

Ainda mais, a expectativa dos imigrantes em cima da produtividade do solo era alta, pois “repercutiram amplamente entre as famílias camponesas [da Europa] as notícias sobre as extensões de terra [do Brasil], solo fértil, farta em frutos e excelente produtora de alimento” (Vendrame, 2018, p. 271). Isso, porque

as empresas colonizadoras difundiam uma imagem idealizada da América; a natureza a ser colonizada era um negócio que podia render bons lucros. Para os pobres colonos europeus que vieram para a Província de Santa Catarina, no século XIX, a idéia de um paraíso natural, pronto para ser desbravado, era vista como uma oportunidade promissora de construir uma vida melhor. (Carola, 2010, p. 556).

Devido às expectativas alimentadas pelo governo e pelas agências de imigração, a percepção dos colonos sobre a fertilidade do solo provavelmente foi frustrada, resultando em uma visão negativa sobre sua produtividade.

Além disso, a condição da estrada de Teresópolis para a capital, ou para Lages era considerada ruim pelos governadores, colonos e tropeiros, o que significava um aumento do preço do transporte. Quando o presidente percorreu essa estrada, que o engenheiro André Rebouças considerou “a arteria principal d’esta provincia”, o presidente declarou que “nunca vi pior caminho, em todos os sentidos: estreito na sua maior extensão, atravancado de pedras, e cheia de atoleiros, acidentado de ladeiras ingremes, e escorregadiças [...]” (Cunha, 1863, p. 11). O aumento do preço do transporte pela má condição da estrada por sua vez diminui o lucro das exportações, e para compensar, os colonos provavelmente esperavam ainda mais da produção.

Pode-se dizer que o sistema os obrigava a produzir muito e a exportar. Já que para permanecer naqueles terrenos, era preciso saldar suas dívidas com o governo e com as agências de imigração, e portanto era preciso produzir de sobremaneira, exaurindo e retirando do solo e dos recursos naturais tanto quanto necessário. A simples subsistência e a venda do pouco do excedente – como acontecia nas colônias antes de 1860 (Schenato, 2015, p. 108) – não seriam suficientes para tal. Apesar de não estarem nos centros comerciais, a colônia estava inserida perfeitamente no sistema comercial capitalista de sua época.

Outro fator que pode ter contribuído para tal, era a própria vontade de se ter lucro e acumular recursos, um pensamento tipicamente associado com os europeus, especialmente protestantes (Abreu e Neto, 2021, p. 7), que constituíam 80% da população de Teresópolis (Lacerda, 1868, anexo D, p. 43). Mas mesmo os católicos já estavam inseridos o suficiente nesse modo de produção, que a acumulação de riquezas fazia parte de suas visões de mundo.

Aliando-se a tudo isso, um dos motivos da possível baixa produção das plantações era o desconhecimento dos imigrantes (ou de parte deles) sobre a agricultura, especialmente a agricultura no Brasil. Podemos ver isso logo no primeiro ano de existência desse núcleo colonial, o engenheiro responsável pelo estabelecimento dos imigrantes e medição dos terrenos escreve que

Achão-se dois homens brasileiros apresentados a mim pelo Senhor Coronel Neves, que querão estabelecer-se nesta colonia com a obrigação ensinar os colonos derrubar e plantar - recebendo da bondade de Vossa Excelência para isso um lote de terras [...]. (Schlappal, 20 jun. 1860).

Isso pode indicar duas coisas: 1º que os imigrantes recém chegados não sabiam fazer derrubadas nem plantações, ou seja, provavelmente não eram agricultores. 2º a vegetação nativa e os gêneros a serem plantados no Brasil eram tão diferentes que os imigrantes não saberiam lidar com eles e precisavam ser ensinados pelos brasileiros.

Em um ofício ao presidente da província no ano de 1861, o recém instalado diretor da colônia, Theodor Todeschini, confirma a suspeita de que nem todos os imigrantes estabelecidos eram agricultores:

Grande parte dos colonos desta colônia foram na Europa trabalhadores nas fábricas, de sabres, de tesouras, canivetes etc. [foram] moedores, sapateiros, tecelões. Numa palavra, pessoas que estavam habituadas desde a infância a um trabalho completamente diferente deste. Eles acham que fizeram muito porque o trabalho é árduo. (Todeschini, 20 jun. 1861, tradução própria).

Mesmo para os imigrantes que tivessem sido agricultores na sua terra natal, devido a diferença climática, geográfica, ecológica, muitos dos cultivos que lá estavam acostumados não se davam aqui e portanto as próprias técnicas de cultivo eram outras (a coivara, o manejo e preparo da mandioca, entre outros). Segundo Brunetto:

Os alemães passaram por muitas dificuldades de adaptação. Tiveram que buscar novos cultivos para a alimentação, aprendidos com indígenas e caboclos, pois algumas de suas plantas não se adaptavam ao clima ou ao solo brasileiro. Em seus primeiros contatos com as terras, tiveram que abrir as matas para iniciar o cultivo agrícola. (Brunetto, 2013).

Contudo, outro aspecto importante de se ressaltar é que a própria reclamação dos colonos a respeito da infertilidade do solo, dificuldade de transporte, entre outras reclamações, pode ser vista como uma mobilização política (intencional ou não). Pois através de suas reclamações para o para o diretor, para o presidente da província, para os jornais, se pressionava o governo a aumentar ou estender os subsídios, a expandir seus terrenos, trocar suas locações (levando a lugares mais férteis, ou de mais fácil acesso) ou até mesmo a perdoar suas dívidas e conceder os lotes de terras.

Nem todos os objetivos foram atingidos, ou quando foram, não saíram para o completo benefício dos imigrantes – como foi o caso da emancipação forçada e precoce da Teresópolis em 1869, após o relatório de um comissário do governo dizendo que os gastos enormes com a colônia foram mal empreendidos. O autor do relatório esperava que os recursos administrados de forma inadequada fossem remanejados. Contudo o resultado foi o fim do regime de colônia para Teresópolis em 1869, para contragosto dos imigrantes (Jochem, 2002, p. 54 - 55). Mesmo assim, o ato de reclamar de suas condições muito ajudou os colonos de Teresópolis em determinados momentos, como aumentando o subsídio de 300 para 400 réis diários (Colonos de Teresópolis, 13 mai. 1861), o perdão das dívidas e a concessão dos lotes de terras.

## **Considerações Finais**

A partir do estudo da colônia de Teresópolis, identifica-se como as percepções sobre a fertilidade do solo e a produtividade agrícola eram marcadas por contradições. Enquanto alguns discursos exaltavam a riqueza do solo como estratégia para atrair imigrantes e promover a ocupação territorial, outros apontavam a improdutividade da terra, como uma maneira de sumarizar e contornar as dívidas, falta de conhecimento agrícola, má infraestrutura de transporte e condições climáticas ruins.

Ao mesmo tempo, tanto colonos quanto autoridades utilizavam essas percepções de maneira estratégica. Os imigrantes empregavam relatos de dificuldades para pressionar o governo por subsídios, perdão de dívidas e novas concessões de terras. Por sua vez, o governo alternava entre minimizar os problemas relatados e enfatizar o potencial agrícola da colônia, adaptando seu discurso às necessidades políticas e econômicas do momento.

Teresópolis permite uma visão da colonização em Santa Catarina no século XIX, mas também evidencia a complexa interação entre a política, as condições materiais e a realidade dos imigrantes. Por meio da análise feita e da metodologia utilizada, é possível ver que a produtividade, ou fertilidade do solo, mais do que um indicador concreto, eram conceitos socialmente construídos, adaptados às cosmovisões de cada um. Ou seja, enquanto a produção agrícola de Teresópolis podia ser mais do que o suficiente para viver em abundância, os colonos endividados e dominados por uma visão de mundo de lucrar e expandir, percebiam o vale do Cubatão como improdutivo para suas necessidades.

## Referências

### Fontes:

BRASIL. Comissão do registro geral e estatística das terras públicas e possuídas. **Mappa topographico de parte da Provincia de Santa Catharina**: compreendendo as comarcas do litoral, colonias e terras publicas adjacentes às mesmas colonias / Escala 1:500.000. Disponível em: <[https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo\\_sophia=90021](https://acervobndigital.bn.gov.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=90021)>. Acesso em: 17 mai. 2025.

BRUSQUE, Francisco Carlos de Araujo. **Relatório do Presidente da Província de Santa Catarina**: apresentado à assembleia legislativa na 2ª sessão da 10ª Legislatura. Rio de Janeiro: Pinheiro & comp. 1 mar. 1861. Disponível em: <<https://redememoria.bn.gov.br/redeMemoria/handle/20.500.12156.2/305164>>. Acesso em 07 de dez. 2024.

COLONOS DE TERESÓPOLIS [*ofício*] 13 mai. 1861, Teresópolis [*para*] MOTTA, V. P. da; Desterro. 4 p. **Petição dos colonos para aumento do subsídio**. Setor de Coleções Especiais (SCE). BU-UFSC.

COLONOS DE TERESÓPOLIS [*ofício*] 05 dez. 1861, Teresópolis [*para*] MOTTA, V. P. da; Desterro. 4 p. **Petição dos colonos para estabelecimento de um Pastor**. Setor de Coleções Especiais (SCE). BU-UFSC.

CUNHA, Pedro Leitão da Cunha. **Relatório apresentado ao exm 1º vice presidente da província de Santa Catharina**. Typographia commercial de J.A. do Livramento: Desterro, 19 Dezembro de 1863. Disponível em: <<https://redememoria.bn.gov.br/redeMemoria/handle/20.500.12156.2/304768>>. Acesso em: 05 dez. 2024.

Jornal O Argos. Exame e Medição de Terras. **Jornal O Argos**, Desterro, 12 de jan. 1860. n. 542, p. 1. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=233889&pagfis=1920>>. Acesso em 06 dez. 2024.

Jornal O Argos. Regresso. **Jornal O Argos**, Desterro, 21 de jul. 1860. n. 602. p. 1. Disponível em: <<https://memoria.bn.gov.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=233889&pagfis=2169>>. Acesso em 06 dez. 2024.

LACERDA, Adolpho de Barros Cavalcanti de Albuquerque. **Relatórios apresentados à assembleia legislativa provincial de Santa Catarina**. Typographia Nacional: Rio de Janeiro, 1868. Disponível em: <<http://memoria.org.br/pub/meb000000517/rpescatarina1868a/rpescatarina1868a.pdf>>. Acesso em 05 dez. 2024.

SCHLAPPAL, Carlo Othon. [*Ofício*] 20 de Junho de 1860, Teresópolis [*para*] BRUSQUE, F. C. de A. Desterro. 4 p. **Relatório da chegada a colônia**. Setor de Coleções Especiais (SCE). BU-UFSC.

TODESCHINI, Theodor. [*Ofício*] 11 janeiro de 1861, Teresópolis [*para*] BRUSQUE, F. C. de A. Desterro. 2 p. **Sobre cobrança de transporte à colônia**. Setor de Coleções Especiais (SCE). BU-UFSC.

TODESCHINI, Theodor. [*Ofício*] 24 janeiro de 1861, Teresópolis [*para*] BRUSQUE, F. C. de A. Desterro. 4 p. **Tabela de colonos da Província do Norte organizada por famílias**. Setor de Coleções Especiais (SCE). BU-UFSC.

TODESCHINI, Theodor. [*Ofício*] 20 junho de 1861, Teresópolis [*para*] BRUSQUE, F. C. de A. Desterro. 4 p. **Opinião de Todeschini sobre a situação dos colonos**. Setor de Coleções Especiais (SCE). BU-UFSC.

TODESCHINI, Theodor. [*Ofício*] 17 março de 1863, Teresópolis [*para*] Directoria das Terras Publicas e Colonisação. Rio de Janeiro. 2 p. **A respeito do pagamento de Nicoláo Eller para condução das bagagens de duas famílias**. Setor de Coleções Especiais (SCE). BU-UFSC.

## **Bibliografia:**

ABREU, Jheovanne Gamaliel Silva de; NETO, Manoel Dionizio. A Relação Do Protestantismo Com O Capitalismo, Segundo Max Weber. **Revista FAFIC**, v. 4, n. 4, 2015,

Cajazeiras. Disponível em: <https://fescfafic.edu.br/ojs/index.php/revistafafic/article/view/90>>. Acesso em 08 dez. 2024.

ALESC - ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SANTA CATARINA. **Biografia Joaquim Xavier Neves**. Memória Política de Santa Catarina, 2022. Disponível em: [https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/506-Joaquim\\_Xavier\\_Neves](https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/506-Joaquim_Xavier_Neves)>. Acesso em: 06 dez. 2024.

BRUNETTO, Sarue. Agricultura nas colônias alemãs no Vale do Itajaí. **Revista Santa Catarina em História**, v.7, n.1, 2013. Florianópolis. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/560>>. Acesso em 08 dez. 2024.

CAROLA, Carlos Renato. Natureza admirada, natureza devastada: história e historiografia da colonização de Santa Catarina. **Varia Historia**, v. 26, p. 547-572, 2010.

DAROSSO, Flávia Paula. A consolidação do Estado Imperial brasileiro e a execução da lei de terras de 1850 na província de Santa Catarina. **XXIX Simpósio Nacional de História. Brasília**, 2017.

FERREIRA, Luiz Mateus da Silva. Sistema de parceria e mercado de trabalho na colônia Dona Francisca: novas evidências sobre a colonização europeia no sul do Brasil na transição da escravidão, 1851-1876. **Estudos Econômicos**, São Paulo, vol. 24, n. 1, p. 97 - 134, jan. - mar. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ee/a/pKNyHygqjtQGRK88jJjhyYv/>>. Acesso em: 08 dez. 2024.

JOCHER, Toni Vidal. **A Formação Da Colônia Alemã Teresópolis e a Atuação Da Igreja Católica (1860– 1910)**. 2002. 155 p. Dissertação (mestrado em História Cultural) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/84040>>. Acesso em: 05 dez. 2024.

LARA, Silvia Hunold. Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.17-39, dez. 2008

SCHENATO, S. "Abastança para a colônia": A cultura do fumo em Santa Catarina no século XIX. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v.9, n.2, 2015. p. 102- 113. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/1043>> . Acesso em: 08 dez. 2024.

VENDRAME, Máira Ines. O “paraíso terrestre”: alimentação como propaganda e construção da identidade italiana no sul do Brasil. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Vol. 10, nº 20, 2018. p. 264 - 286. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6733581>>. Acesso em 08 dez. 2024.